

## Lição 3 – O fascismo é destrutividade cega

Sinésio Ferraz Bueno

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

BUENO, S. F. O fascismo é destrutividade cega. In: *O fascismo em dez lições* [online]. São Paulo: Editora UNESP, 2022, pp. 35-42. ISBN: 978-65-5714-304-9.

<https://doi.org/10.7476/9786557143049.0005>.

---



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

### LIÇÃO 3

## ○ FASCISMO É DESTRUTIVIDADE CEGA

A principal característica que diferencia a dialética idealista de Hegel da dialética materialista diz respeito ao alcance ontológico e cósmico atribuído por Hegel à contradição. Para o filósofo, a negatividade não é apenas um aspecto estrutural atinente à base material da sociedade, uma vez que está alojada na própria contradição entre o espírito humano e o corpo biológico que o abriga. A finitude biológica impõe restrições insuperáveis às demandas teleológicas de perfeição e liberdade que são intrínsecas ao espírito. O homem é a única espécie animal que experimenta o estado negativo de uma subjetividade livre que é obrigada irredutivelmente a experimentar a oposição a um corpo biológico marcado pelo perecimento necessário. “As condições de sua existência estão em conflito com as demandas de sua perfeição; e, não obstante, para ele, existir é buscar a perfeição. O sujeito é, então, necessariamente a esfera do conflito interno, digamos, da contradição? Hegel não hesitou quanto a isso” (Taylor, 2014, p.111).

Análoga dissonância entre a realidade humana e as condições estruturais de sua existência é assinalada por

Freud, porém a partir de um registro situado nos limites entre os processos emocionais de um indivíduo singular e a civilização. Para Freud, a existência humana é marcada pelo imperativo de repressão das pulsões exigido pela vida em civilização. O fato de que a todo homem civilizado são impostos sacrifícios pulsionais, frequentemente desproporcionais em relação às recompensas produzidas pelas instituições sociais, conduziu Freud a enunciar o mal-estar na civilização como condição irreduzível da vida em sociedade. O mal-estar na civilização é a condição estrutural para a vida social, e dele se originam fortes tendências destrutivas e antissociais que traem, em cada homem civilizado, a existência de um inimigo secreto da própria civilização.

Em suas reflexões sobre a personalidade autoritária, o filósofo Adorno constatou a relação direta entre a barbárie do fascismo e o mal-estar na civilização. O estado de negatividade assinalado por Freud pode ser traduzido na existência de inclinações agressivas de desintegração social que fazem a civilização se tornar alvo de violência e irracionalismo. Em termos freudianos, a agressividade gerada como subproduto da vida civilizada deveria ser elaborada e sublimada pelo indivíduo, para que sua existência se tornasse compatível com a dignidade exigida pela vida em si mesma. Mas no contexto fascista, notadamente quando manifestada na forma de agremiações grupais segregadoras e violentas, essa agressividade é desviada contra populações marginalizadas que são objeto de preconceito social. A violência fascista se constitui, portanto, como um fenômeno social que se origina de patologias emocionais dos perseguidores, não tendo, portanto, qualquer relação com as vítimas da perseguição. Na medida em que a frustração e o ressentimento próprios ao mal-estar na civilização, em vez de serem elaborados e compreendidos pelo sujeito, são pura e simplesmente projetados naqueles

que representam a diferença social, podemos entender o caráter cego da destrutividade fascista.

Na análise de Adorno e Horkheimer se destacam dois pontos essenciais para a compreensão da cegueira do fascismo. Em primeiro lugar, o caráter projetivo e paranoico da representação negativa do Outro: “os impulsos que o sujeito não admite como seus e que, no entanto, lhe pertencem, são atribuídos ao objeto: a vítima em potencial” (Adorno, 1986, p.174). Em segundo lugar, o caráter flexível das vítimas da perseguição fascista, que variam de acordo com o contexto social e histórico, revela os traços cegos da perseguição: “a cólera é descarregada sobre os desamparados que chamam a atenção, e as vítimas são intercambiáveis segundo a conjuntura: vagabundos, judeus, protestantes, católicos” (ibidem, p.160). A estereotipia imaginária depreciativa do *unheimlich* é animada pelo apego obsessivo a signos depreciativos das minorias étnicas, religiosas e de gênero. Essa depreciação, ao mesmo tempo, se torna avessa e previamente imunizada contra possíveis argumentos de natureza racional que tenham o objetivo de denunciar o fascismo, pois a gratificação narcísica derivada da projeção emocional se constitui como mecanismo de defesa que se volta contra a autocrítica racional.

Como abordamos no capítulo anterior, a pesquisa sobre a personalidade autoritária, realizada pelo Instituto de Pesquisas Sociais nos Estados Unidos na década de 1940 (também conhecido como Escola de Frankfurt), teve como um de seus objetivos a pontuação dos indivíduos entrevistados em uma escala numérica destinada a quantificar a vulnerabilidade emocional ao fascismo. A escala F procurou traduzir a existência de inclinações emocionais e comportamentais que pudessem refletir estruturas de personalidade agressivas e segregadoras. Nesse sentido, a pesquisa direcionou-se muito mais ao conhecimento do

potencial fascista no campo emocional do que à classificação ideológica a partir das opiniões políticas manifestas pelas pessoas entrevistadas. Em virtude dessa primazia no campo emocional, a pesquisa constatou a compatibilidade de tais inclinações ao fascismo tanto entre conservadores de direita (no contexto norte-americano de 1940, pessoas favoráveis à propriedade privada, à meritocracia e ao liberalismo econômico), quanto entre liberais de esquerda (isto é, simpatizantes do socialismo e críticos da meritocracia e do liberalismo econômico). Ao mesmo tempo, tanto entre conservadores quanto entre liberais, foram encontrados perfis de personalidade antifascistas, isto é, personalidades emocionalmente abertas à diferença e sem preconceitos.

A possibilidade de que a estrutura fascista de personalidade seja compatível tanto com posicionamentos políticos de direita quanto de esquerda representa uma notável originalidade da pesquisa em relação aos padrões habituais da ciência política, que identificam o fascismo exclusivamente com perfis opinativos de direita. De maneira compatível com essa metodologia, é possível pensar na existência de fascistas de direita, como também na existência de fascistas de esquerda, uma vez que são as tendências agressivas de personalidade, e não a opinião política manifesta, que definem a vulnerabilidade ao fascismo. Embora existam evidentes divergências ideológicas entre fascistas de direita e de esquerda, ambos os perfis opinativos evidenciam forte atração por movimentos grupais caracterizados por discursos e práticas violentas. É sobretudo a pauta autoritária e destrutiva que promove a adesão e a fraternidade grupal, seja entre defensores do capitalismo, seja entre partidários do socialismo. A ambos é comum uma estrutura sadomasoquista de personalidade, pela qual o sujeito se identifica com a autoridade instituída, qualquer que seja ela, e ao mesmo tempo hostiliza as camadas sociais representantes do *unheimlich*.

O vínculo entre o fascismo e a agressividade reprimida latente na estrutura da personalidade pode ser devidamente entendido mediante o conceito filosófico de ressentimento, originalmente introduzido por Nietzsche. Para o filósofo, o ressentimento espelha sentimentos de ódio e rancor peculiares a espíritos cativos que se dedicam a ruminar vinganças imaginárias contra aqueles que consideram os responsáveis pelo seu fracasso ou infelicidade. A moral escrava do ressentimento, segundo Nietzsche, veicula enfermidades psicológicas afinadas com uma mentalidade de rebanho, que é contrária a toda afirmação ativa e autêntica de valores ligados à nobreza de caráter e à individualidade. Na análise do fascismo, Adorno e Horkheimer integram o conceito filosófico do ressentimento ao conceito freudiano de mal-estar na civilização, proporcionando uma compreensão lúcida das tendências agressivas do fascismo como destrutividade cega: “fúria que somente encontra seu objeto de forma desviada, sublimada contra os setores mais débeis da sociedade” (Cano, 2011, p.123).

Pensamentos e comportamentos ressentidos estão amplamente presentes em atmosferas fascistas, e não se limitam à canalização grupal de impulsos hostis contra minorias no campo da etnia, da religião e do gênero. O ressentimento se expressa de maneira generalizada e reativa contra um leque amplo de pautas sociais que inclui os próprios potenciais de individuação que são intrínsecos à sociedade burguesa. Nesse sentido, a fúria cega do ressentimento se manifesta como hostilidade secreta dirigida contra a promessa de emancipação que é inerente ao desenvolvimento do Espírito na sociedade burguesa. A esse respeito, Adorno (2015, p.159) formulou uma interrogação fundamental acerca da contradição entre o cativo da consciência e o progresso cultural, perguntando como é possível que “indivíduos, filhos de uma sociedade liberal, competitiva

e individualista, condicionados a se manter como unidades independentes e sustentáveis [...] retornem a padrões de comportamento que contradizem flagrantemente seu próprio nível racional”. A resposta a essa contradição remete diretamente à integração entre ressentimento e mal-estar na civilização, pois a sociedade burguesa, embora fomente potenciais de independência e autonomia, ao mesmo tempo frustra a realização desses ideais em um contexto reificado e massificado de vida. Essa frustração sistemática é um fator muito importante para a compreensão do ressentimento.

Mesmo que a personalidade autoritária e fascista frequentemente se apoie em pautas moralistas e aparentemente conservadoras para justificar suas inclinações agressivas, é preciso reconhecer que o fascista não é propriamente um conservador, na acepção literal do termo. “Conservadores” aspiram à manutenção de estruturas econômicas, políticas ou morais, reagindo contra tendências de transformação e inovação. O fascista não deseja conservar, mas destruir tudo aquilo que for possível, desde a vida das pessoas que existem à margem dos padrões de normalidade social até as próprias instituições sociais que garantem a existência da civilização. O ressentimento o torna reativo não apenas ao *unheimlich* que insiste em lembrá-lo de sua própria estranheza interna, mas também aos potenciais de individuação, independência e autonomia que poderiam convertê-lo em um ser humano superior. Segundo Adorno (1986, p.145), o fascista “precisa ser imaginado como percorrendo seu caminho com olhos firmemente fechados e dentes cerrados a fim de evitar que se desvie daquilo que decidiu aceitar. Uma visão clara e calma colocaria em perigo a atitude que lhe foi infligida e que, por sua vez, ele tenta infligir a si mesmo”.

Embora o desenvolvimento da civilização burguesa no período moderno tenha originado diversas formas de

escravidão e opressão, ao mesmo tempo é preciso reconhecer que a ampliação do regime político democrático e do livre comércio entre os países têm proporcionado nas últimas décadas o declínio dos índices de pobreza e de violência em todo o mundo. Segundo Steven Pinker (2018), a ampliação do regime democrático liberal e da economia de mercado capitalista para uma quantidade sempre maior de nações, desde o período pós-guerra, proporcionou melhorias em diversos critérios associados ao desenvolvimento humano, como ampliação de direitos civis, alfabetização, expectativa de vida, proteção aos direitos humanos etc. O conjunto de estatísticas associadas a uma gradativa melhoria do mundo para a espécie humana apresentado por Pinker está indissociavelmente relacionado com a globalização do regime democrático e do livre mercado. Dessa forma, quando se considera que a defesa ideológica de princípios liberais no âmbito da política e da economia habitualmente é rotulada como “conservadorismo”, é importante notar que o sistema democrático e a economia capitalista impulsionam o progresso em diversos setores da vida humana. Nesse sentido, o termo “conservadorismo”, quando associado àqueles que defendem o liberalismo político e econômico, se torna coerente com as tendências de progresso expostas pelo autor.

Essa breve consideração acerca das tendências de melhoria do mundo humano proporcionadas pela globalização política e econômica sob o signo do liberalismo não se destina a nenhuma defesa ideológica dos princípios liberais ou do capitalismo. Como se sabe, ao mesmo tempo que avança o livre mercado, aumentam as desigualdades econômicas e sociais em diversos países. O aspecto central a ser destacado está na associação entre o progresso político e econômico e o caráter conservador associado ao liberalismo econômico e político, pois ele é antagônico às tendências destrutivas do fascismo. Trata-se de



pensar que os fascistas, embora se apropriem de ideologias conservadoras, jamais são de fato conservadores, pois todos os seus esforços são impulsionados por tendências destrutivas que frequentemente são contrárias a seus próprios interesses de autoconservação mais imediatos. A oratória fascista jamais se alimenta de plataformas políticas ou econômicas construtivas ou conservadoras, pois o fundamento psicológico de seu discurso é a iminência de catástrofes, práticas violentas e fascínio desmedido pela destruição. Não é causal que no contexto social da pandemia de Covid-19 em diversos estados brasileiros prosperassem panfletos incitadores de aglomerações e contrários a medidas higiênicas de vacinação em massa: “o desejo psicológico de autoaniquilação reproduz fielmente a estrutura de um movimento político que, em última instância, transforma seus seguidores em vítimas” (Adorno, 2015, p.152).